

DISCURSO pronunciado ante o microfone da
Rádio Farroupilha, nos cinco minutos
da Ação de Renovação Social, em 18
de dezembro de 1935.

Caríssimos Ouvintes.

Atendendo a um gentil convite, realçado pela bondade nunca desmentida dos dignos dirigentes da Ação de Renovação Social, eis-me enfrente dêsse microfone, falando aos céus da América, porém, de uma forma especial, à brasileira gente, no momento apreensivo que passa, neste instante em que tôdas as fôrças vitais da nação se empenham exhaustivamente para “marcar no grande relógio da nossa nacionalidade” a hora esplendorosa da grandeza dos nossos destinos, da dignidade do nosso nome, da glória das nossas tradições, do brilhantismo do nosso passado, da firmeza do nosso presente e da fagueira esperança, senão radiante certeza, do nosso porvir.

Efetivamente, melhor oportunidade não teria a Ação de renovação Social para a realização da sua patriótica, nobre e elevada finalidade, do que essa em que os homens, egoisticamente esquecidos dos seus deveres, dos seus compromissos, das suas responsabilidades e, sobretudo da sorte dos seus semelhantes, fazem do mundo a imagem do barco, prestes a naufragar, aos gritos dolorosos de — Salve-se quem puder.

Renovação social é bem do que carece o Brasil, mas, renovação social em tôda a plenitude da expressão. Renovação social nos costumes, nas liberdades, nos abusos,

nos desmandos, nos excessos, nas injúrias, no reacionarismo e no extremismo.

Renovação social em cima e embaixo. Renovação social no indiferentismo condenável com que são olhadas, por quem de direito, as mais urgentes e legítimas aspirações do nosso proletariado.

Renovação social na violência destruidora da ideologia de muitos operários que, atirando-se em lutas inglórias, não compreendem que aumentam, eles próprios, ainda mais a desgraça, que pretendem atenuar.

Renovação social no reacionarismo impatriótico de muitos brasileiros, que olham com indescritível aversão e procuram burlar tôdas as leis que formam a nossa vasta legislação trabalhista, que combatem o Ministério do Trabalho e os seus mais dignos funcionários, quando estes, numa expressiva e perfeita demonstração de amor à Pátria, procuram forçar o cumprimento dessa legislação, compreendendo que nascerá daí a confiança nas nossas leis, o orgulho em ser brasileiros naqueles que a legislação visa beneficiar e mais ainda que aumenta a altivez da majestade da Pátria, se considerarmos que a Lei é a expressão mesma da soberania da Nação.

Renovação social na facilidade fantástica com que se promete e na revoltante deselegância com que se não cumpre.

Finalmente, renovação social, mas pela catequese vigorosa e indiscutível do exemplo e da lealdade.

Eu não posso crer, brasileiros que me ouvís, que não transborde em vossas almas o desejo intenso de ver a Pátria livre, feliz e engrandecida. Livre dessas agitações que geram no homem a quebra dos mais rudimentares princípios de fraternidade cristã. Feliz pelo trabalho, pela paz, pela fé e pelo amor. Engrandecida, enfim, na grandeza dos filhos que ela tanto estremece.

Brasileiros que me ouvís, o Brasil deve ser o reflexo daquilo que vós sois, e o Brasil é o nosso hino pátrio que o afirma, é “gigante pela própria natureza”. Sêde vós,

Brasileiros, meus irmãos no patriotismo e na fé, gigantes na vontade de vencer, numa luta glorificadora e dignificante, em que vença conosco a própria nacionalidade.

Vêde o Amazonas, na majestade das suas águas, na superioridade da sua extensão e na impetuosidade das suas pororocas, inspirai nêlo o vosso amor pelo Brasil, para o “surge et ambula” da Pátria querida. Brasileiros, uma semana mais e a humanidade, prene de esperança, há de comemorar o Natal esplendoroso dAquele que foi través de todos os tempos o único — Perfeito.

Mais uma semana, e os nossos ouvidos atordoados ainda pelo estrondear da fuzilaria hão de ouvir, extasiados, o canto confortador dos anjos — glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade. —

E tu, brasileiro, por índole e por princípio, és um homem de boa vontade. Paz na terra, oh sim!, paz na terra, porque a paz foi bem a sublime inspiradora de Luiz Murat, quando o poeta cantou: “Deusa, quem te amassou em fumo e em sangue o peito? — Quem te orquestrou a voz de clarins e tambores? — E a fronte e as mãos e o olhar de relâmpagos feito. — Armou de batalhões torvos e ameaçadores? — Povos, que o orgulho não desluz, depois da guerra. — Uní-vos para a paz, pois só na paz, a terra — novos germens vitais encontrará. — A terra está coberta de ossos e a árvore de sons. — Mas há de ela sair da provação tamanha — para uma nova fé, para uma nova aliança.”

Brasileiro, meu patrício, e meu irmão, deixa ainda que eu to diga, para o bem do Brasil, para que tu queimes ante o altar da família e da sociedade o puríssimo incenso da dignidade e da honra, que, feita assim a nossa renovação social, tu, eu, nós brasileiros, sustentaremos por sôbre as nossas cabeças, como um pálio de amor e de justiça, atraindo as bênçãos de Deus, tão grande e tão feliz, o nosso formoso, deslumbrante e auriverde pendão, êsse pendão que é bem a expressão máxima do trabalho, da honra e do valor do nosso povo, qualidades essas que se

— 64 —

consustanciam em tôda a plenitude da esperança do seu verde, das riquezas morais e materiais do seu amarelo e da capacidade de trabalho, na significação do amor de seu azul, e finalmente nas bênçãos divinas da sua constelação, dessa mesma constelação com que o divino Artista dispôs e imprimiu no manto formoso de Astarte, no nosso céu límpido e perfumado, o símbolo esplendoroso da fé, na aurifulgência da figura do Cruzeiro do Sul. Disse.

DISCURSO pronunciado ante o microfone da Rádio Farroupilha de Pôrto-Alegre, em 21 de abril de 1936, como abertura da sessão solene realizada em Rio-Grande, pelo Centro Cultural “Marcílio Dias”, comemorativa ao Mártir da Independência.

Na cronologia das datas históricas, 21 de abril de 792 destaca-se pela expressão do vulto agigantado que ela rememora. Realçado pela grandeza imensurável do seu espírito, pela elevação inatingível do seu ideal e pela extensão profunda do seu patriotismo, surge, nesse dia diante da nossa imaginação a figura extraordinária de Tiradentes, cuja memória divinizada, na expressão genial de Rui Barbosa, foi feita a padroeira nacional do Direito. O sonho agigantado de Liberdade e de Justiça, de Independência e de Direito, pedestais indestrutíveis da verdadeira Democracia, que desde 1789 povoava o cérebro de uma pléiada de patriotas, teve o seu epílogo doloroso, transformando-se, nesse dia, numa realidade cruel e extremamente antagônica àquela que animou Joaquim Maia, Vidal Barbosa, Maciel, Mariano Leal, Tomaz Gonzaga, Cláudio da Costa, Alvarenga Peixoto, Freire de Andrade, Rolim e Toledo e Melo, enfim aquela realidade esplendorosa que envolveria mais tarde, com a aurifulgente auréola da imortalidade o protomártir da independência — Joaquim José da Silva Xavier. E nesta hora num preito reverente à memória daqueles que foram os paladinos da nossa liberdade e da nossa independência, encontram-se reunidos em cívica e solene sessão, os Bandeirantes da Alfabetização dos Brasileiros de Côr, divisa esplendorosa que adotou a legião patriótica de brasileiros que, na minha cidade do Rio-Grande se acocorou à

sombra benfazeja da bandeira de amor, e de brasilidade do Centro Cultural Marcílio Dias.

E conquanto, por uma nímia gentileza da Rádio Sociedade Farroupilha, que, numa profunda demonstração de patriotismo e de elevação de espírito, tem sempre dado o seu decidido e valioso apôio às causas nobres e altruísticas, as minhas palavras ecoem por todos os céus da América, de um modo especial é aos meus dignos consócios e denodados Bandeirantes que eu me dirijo nessa hora em que a ausência não tem o poder de diminuir em mim o fogo do idealismo, a pureza das intenções e a vontade de prosseguir nesta marcha penosa, porém dignificante que, encetada por nós na terra querida, que foi bêrço de Marcílio Dias, há de formar gerações e gerações de bravos e predestinados como bravo e predestinado foi o heróico e imperial marinheiro.

Bandeirantes da Alfabetização dos Brasileiros de Côr, não é demais repetir: nós não somos como muitos o julgam, promotores de um movimento antipático de racialidade que o Brasil não comportaria, antes ao contrário, queremos à luz divina do facho inflamante da alfabetização e da instrução, ministradas a todos os brasileiros sem distinção de côr, classe ou credo, estender ainda e mais, se possível, o pálio brasíleo e majestoso da igualdade e da fraternidade com que a República sonhada por Tiradentes, e mais tarde proclamada por Deodoro procurou ambientar a gente, a mentalidade e a terra brasileiras.

Bandeirantes da alfabetização dos Brasileiros de Côr, principalmente, porque do meio dêstes e pela errônea concepção de inferioridade, produto em grande parte da falta de instrução, foi que surgiu o plectro mavioso ao som do qual nós afinamos a lira esplendorosa, dessa campanha de fé, de amor, de justiça, de humanidade e de patriotismo, que há de bem alto dizer ao Brasil inteiro

da lealdade dos nossos intuitos e da sinceridade dos nossos propósitos.

Bandeirantes da Alfabetização dos Brasileiros de Côr principalmente, mas, não unicamente porque então aí nós pecaríamos contra os mais rudimentares princípios do ideal, que nos congrega e seríamos insinceros quando proclamássemos a brasilidade do nosso movimento.

Quem de vós ignora, Bandeirantes amigos e irmãos, a posição desfavorável do Brasil na relação dos povos que possuem maior número de analfabetos? Quem de vós ignora que o analfabetismo é o maior dique que se pode antepor à virtude de um povo, e que o povo que não tem virtude, na frase lapidar de um ilustre brasileiro, acaba por ser escravo? Quem de vós ignora que o analfabetismo arranca do homem a noção de tudo que é elevado, que é nobre, que é sublime porque o analfabetismo deprime, anula e embrutece a criatura tornando-a incapaz de ser útil à Pátria, à Sociedade e a si própria? Por certo, nenhum de vós, e daí a razão de ser do entusiasmo, da tenacidade e do patriotismo, com que penetrastes nos inhóspitos sertões do analfabetismo e da ignorância para arrancar de lá o diamante raro de tantos e tantos patricios nossos que lapidados pela instrução, transformar-se-hão em jóias faiscantes de inestimável valor moral e material.

A data que, solenemente comemorais, Bandeirantes amigos que me ouvís, lembra as energias, a inteligência, o cérebro, o coração e a vida de um homem, tudo enfim, oferecido em holocausto à liberdade de um povo, à independência de uma Pátria. Mas, hoje essa Pátria, ameaçada pelos pezados grilhões do analfabetismo, quer ver surgir nos seus mais recônditos recantos, legiões infindas de Tiradentes que, reunidos na Villa-Rica dessa campanha bendita conspirem e tramem contra o inimigo cruel do seu engrandecimento, que é o analfabetismo,

para a proclamação da liberdade intelectual, da independência cultural de todos os brasileiros.

Um gênio quebrando as cadeias foi o símbolo ideado para a bandeira da República dos Inconfidentes, seja esse mesmo gênio quebrando outras cadeias formadas pelo analfabetismo o símbolo da nossa bandeira de educação. Idearam ainda os conspiradores a criação de uma Universidade em Vila-Rica, nós não criamos Universidades mas formaremos Universitários com o desenvolvimento da nossa campanha e efigiaremos novos Patrocínios, Cruz e Souzas, Lopes e Rebouças pela instrução, pelo amor ao estudo, pela glória de uma raça e para grandeza de uma Pátria.

Abolir até certo ponto a escravatura, era uma das partes firmadas pelos conspiradores Mineiros e nós, Bandeirantes da Alfabetização nos esforçaremos em abolir "in totum" a escravatura dolorosa do espírito e da inteligência a que o analfabetismo submete o homem.

Êles pensaram também em abrir escolas para instrução do povo, e a escola João Roque Moreira Gomes, aula N.º 1 do Centro Cultural Marcílio Dias, instalada nos primeiros dias deste mês aí no nosso caro Rio-Grande, há de ser o marco promissor e inicial dessa campanha sublime que abrirá escolas e fechará prisões.

E nessa vossa primeira comemoração cívica, com a qual homenageais solenemente a grande data de 21 de abril, constata-se claramente o patriotismo dos vossos desígnios, cultuando a memória daqueles que sonharam e se sacrificaram pela grandeza do Brazil.

Bandeirante amigo e irmão, homen ou mulher, jovem ou velho, eu te saúdo no civismo e no patriotismo desta hora e que as ondas que levam até aí, terra bendita que eu estremeço e amo, a minha voz despreziosa e transbordante de saudade, movimente as outras ondas de fé e de entusiasmo sôbre as quais há de navegar a nau gigantesca desta nossa cruzada de educação.

— 71 —

Eu te saúdo, Bandeirante patricio, e pela grandeza do Brasil e bem do povo brasileiro, que é o teu próprio bem, medita sobre a sublimidade destas máximas expressivas: começa a liberdade onde acaba a ignorância, na criatura humana o que reage contra a escravidão não é a matéria e sim o espírito, a inteligência. Dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, é humano. Mas, dar escola a quem tem fome e sede de instrução — bandeirante amigo — medita-o, é patriótico.

Eu te saúdo Bandeirante valoroso, e que tenhas pela liberdade intelectual, pela independência do espírito dos nossos caríssimos patricios do jugo maldito do analfabetismo o mesmo ardor que pela liberdade política do nosso povo transformou em mártir aquele a quem a força elevou tão alto que o apresentou à posteridade — Tiradentes. DISSE.